

Petróleo sob o gelo

Luciana Sgarbi



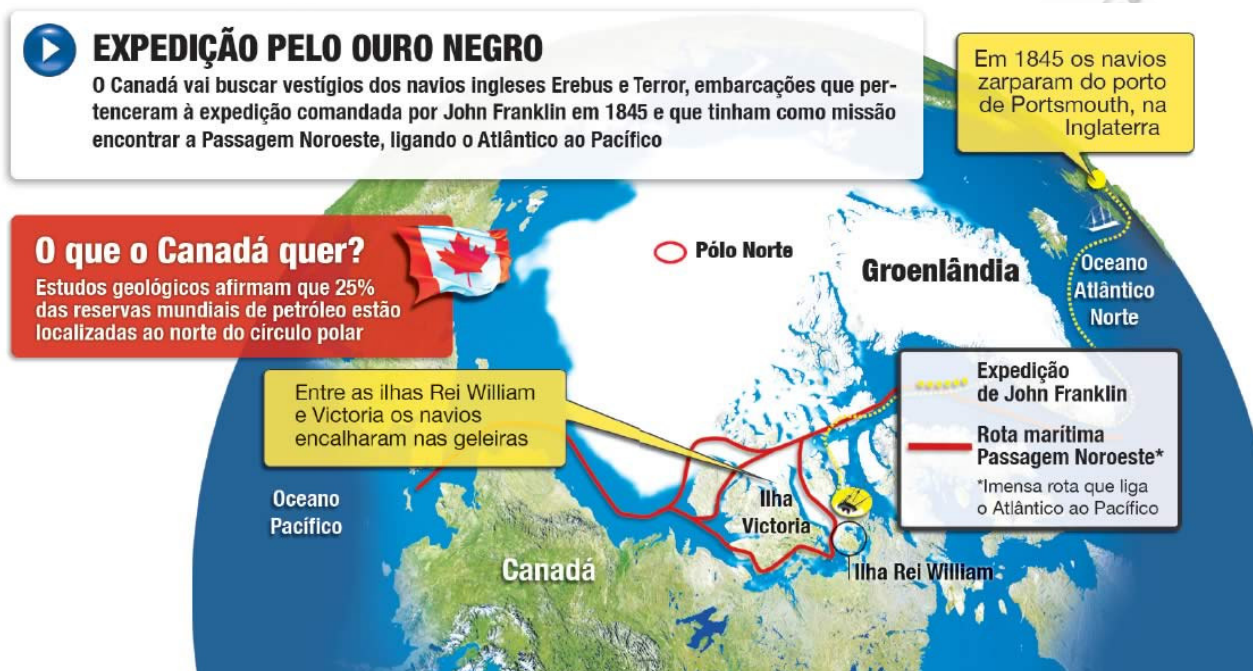
SOBERANIA Navio quebra-gelo abre caminho para a conquista do Ouro negro

Essa é, literalmente, uma guerra fria - e como em toda guerra as grandes potências não medem esforços para conquistar um imenso território. O que está em jogo é o gelo. Para entender o motivo da disputa, no entanto, é preciso mergulhar 4,3 quilômetros nas águas do Pólo Norte, na região do Ártico, porque é lá que está o objeto da cobiça. Explica-se: segundo a agência governamental americana US Geological Survey, 25% das reservas mundiais de petróleo estão localizadas ao norte do círculo polar. Trata-se de um novo eldorado que os países costeiros (Rússia, EUA, Canadá, Noruega, Dinamarca, Finlândia, Suécia e Islândia) podem reivindicar o direito de exploração. Ali estão dez bilhões de toneladas de petróleo e gás, ou seja, um quarto das reservas de todo o planeta, o equivalente a 400 bilhões de barris. As reservas da Arábia Saudita, atualmente o maior produtor mundial, são de 262 bilhões. Tanta riqueza ainda não tem dono e o Canadá tenta conquistá-la alegando que os canais que formam a Passagem Noroeste estão em sua área territorial. Em outras palavras, o governo canadense afirma ter direito a uma boa parte do petróleo que está sob o Ártico.

Localizado em águas internacionais, o Pólo Norte, na verdade, pertence a todo o mundo - portanto, não é particularmente de ninguém. Ele está sob a tutela da Convenção Internacional do Direito do Mar (órgão da ONU), que declara serem os fundos marinhos, situados além das jurisdições nacionais, "patrimônio comum da humanidade". Segundo a convenção, cinco países com territórios dentro do Círculo Ártico (Rússia, EUA, Canadá, Noruega e Dinamarca) estão limitados a uma zona de controle econômico de 320 quilômetros ao longo de sua costa. O Canadá, no entanto, diz ter direito a uma porção maior e, para tentar comprovar a sua tese, envia agora uma expedição em busca de vestígios de navios do século XIX que teriam usado uma misteriosa rota à qual o país diz ter direito.

Era o ano de 1845 quando o inglês John Franklin e mais 128 homens, sob seu comando e a bordo dos navios Erebus e Terror, foram vistos pela última vez ao tentarem encontrar a mítica Passagem Noroeste, capaz de encurtar a rota entre Atlântico e Pacífico. Eles desapareceram e até hoje esse é um dos grandes mistérios da conquista do Ártico. Essa tal rota jamais pôde ser explorada por causa das calotas polares, mas, agora, como as geleiras estão derretendo em decorrência do aquecimento global, torna-se mais viável a possibilidade de se explorar a região. Passados 150 anos, a Passagem Noroeste

parece mais acessível do que nunca e há estimativas de especialistas de que até o verão de 2015 toda a sua área estará degelada. O envio da expedição foi anunciado pelo ministro do Meio Ambiente do Canadá, John Baird, com ares triunfais e bom humor: "Somos capazes de rivalizar com as aventuras de Indiana Jones." O principal objetivo da missão é desvendar o mistério do desaparecimento dos navios de Franklin, uma vez que, se forem encontrados vestígios das embarcações e ficar provado que ele de fato explorou a região onde hoje se sabe haver petróleo, é considerável ponto a mais para o governo canadense afirmar que o Ártico é seu.



Fonte: Istoé, a. 31, n. 2026, p. 106-107, 3 setembro. 2008.